

UM MANUAL ESPANHOL SOBRE TÉCNICAS  
QUANTITATIVAS EM GEOGRAFIA

A Geografia em Espanha, como em Portugal, tem tido uma influência predominante das escolas francesas, entrecortada aqui e além pelo toque mais persistente de algum geógrafo alemão ou anglo-saxónico, que se manifesta sobretudo ao nível de investigações levadas a cabo na Península. Mas as posições teóricas, o conteúdo do ensino, as inovações buscaram-se nas universidades francesas, nos livros e revistas que chegavam de França. A maior proximidade cultural e linguística favorecia uma tal orientação.

Nestas circunstâncias não admira que as profundas transformações que se começaram a verificar na Geografia — particularmente na Humana — ainda nos anos 30 e que tiveram sobretudo a partir do início dos anos 50 um forte impacto em todo o Mundo, demorassem tanto tempo a atingir a Península Ibérica. Entretanto, alguns dos mentores da «Nova Geografia» até iam passando por cá, onde eram desconhecidos e onde também nunca sentiram a vontade, nem a necessidade, de se darem a conhecer. Um dos casos mais espantosos é o de PETER HAGGETT, que chegou a realizar pesquisas na Península, particularmente em Portugal, onde só viria a ser conhecido muitos anos depois. Outros vieram apenas passar férias...

Em Portugal, como em Espanha, a introdução da «Nova Geografia» é muito tardia, parcelar e desinserida de um contexto curricular e profissional. Aparece através de alguns jovens que, ou lá por fora contactaram com outras coisas ou que, cá por dentro, mais ou menos influenciados, se assustavam com o facto de cada vez ser maior o número de artigos de revista ou de livros, de Geografia, cujo conteúdo não compreendiam, por vezes na sua totalidade.

A dificuldade dos geógrafos ibéricos em acertar o passo com os novos desenvolvimentos da ciência Geografia, decorria e decorre, de duas ordens de lacunas: a falta de preparação teórico-filosófica e a falta de preparação matemática. Em tal situação, nem lhes era possível compreender os buracos a que a sua Geografia tinha chegado, nem experimentar uma proposta, a da quantificação.

Entretanto, desde o início dos anos 70, algo se tem feito, embora de forma parcelar e por tentativas sucessivas; já se começam mesmo a trilhar outros caminhos, igualmente às apalpadelas, mais pelo cheiro que pela substância, apenas um pouco mais coerente, porque de certo modo ligados à realidade em vivência.

É neste contexto que saudamos o aparecimento da primeira tentativa ibérica de síntese das técnicas de quantificação em Geografia<sup>(1)</sup>. Apareceu em Espanha e são seus autores um professor da Universidade Complutense de Madrid, José Estebanez Alvarez, e um inglês, Roy P. Bradshaw, professor da Universidade de Nottingham, que o primeiro procurou para actualizar os seus conhecimentos, nomeadamente no campo das técnicas e métodos de análise em Geografia.

(1) JOSÉ ESTEBANEZ e ROY P. BRADSHAW. *Técnicas de Cuantificación en Geografía*. Editorial Tebar Flores, Madrid, 1979, 513 p

A obra, que tem intenções de iniciação, e que desde já aconselhamos, se não traz novidades, apresenta-se-nos com duas grandes vantagens, particularmente valiosos para a vizinha Espanha: a língua e a exemplificação, que num bom número de casos (embora não tantos como seria para desejar) se reportam ao território espanhol.

O livro que passamos em revista inicia-se com um capítulo dedicado aos *Métodos Quantitativos em Geografia*, mas que se apresenta muito mais ambicioso o que, de certo modo, o prejudica, por ficar ao mesmo tempo aquém e além, consoante a preparação e o interesse de quem o lê. Este reparo é sobretudo aplicável à parte final do capítulo, onde se fala da *Revolução Quantitativa* e de *A Geografia Espanhola e a «Nova Geografia»*. Na medida em que não é feita uma síntese das tentativas recentes de revolucionar a Geografia espanhola, o rol exemplificativo (não sabemos se exaustivo ou não) tem interesse meramente informativo.

O segundo e terceiro capítulos são dedicados a uma revisão das noções elementares de matemática com interesse para o estudante de Geografia e que se prolongam, naturalmente, pelo emprego das funções na nossa ciência. Recordar-se muito do que se aprendeu no liceu, mas agora já com uma perspectiva de aplicação concreta.

Os capítulos que se seguem, o quarto e o quinto, também evidenciam unidade temática: a apresentação e o primeiro tratamento sintético que pode ser aplicado à informação de natureza geográfica. O capítulo quinto apresenta uma série de índices de uso mais ou menos consagrado em Geografia, que, quanto a nós, deveriam ser mais discutidos, no sentido de evidenciar bem em que condições e com que cuidados deverão ser aplicados. Poder-se-á dizer que a sua inclusão se deveria processar mais adiante, após a discussão de certos conceitos estatísticos; contudo, também tem aspectos positivos a sua aprendizagem logo de início, pelo que representa de estimulante. O dispor de ferramentas como o coeficiente de localização, medidas de concentração ou diversificação dão desde logo ao estudante uma sensação de confiança para enfrentar a informação de que dispõe; confiança que, naturalmente, deve ser criticamente acutelada.

Os seis capítulos seguintes introduzem a estatística: distribuição de frequências, medidas de tendência central e de dispersão, probabilidades, amostragem, correlação e regressão, e testes de significação estatística. A clareza e o permanente recurso à exemplificação espanhola de natureza geográfica conferem o desejado interesse a estas matérias, tantas vezes áridas, sobretudo como aconteceu para muitos dos geógrafos pioneiros neste domínio, quando aprendidas com exemplos fora da geografia e através de línguas menos familiares.

O último capítulo, o décimo-segundo, aparece um tanto desequilibrado em relação à economia geral da obra, embora se nos afigure da maior utilidade prática no contexto do ensino da Geografia nas universidades ibéricas. O título, *Análise Espacial*, é, quanto a nós, desajustado, mas o conteúdo interessante, na medida em que introduz uma série de técnicas e de métodos de acesso simples e de uso mais frequente por parte dos geógrafos. Mais uma vez a exemplificação para territórios espanhóis, que poderia ter sido ainda alar-

gada, confere maior valor e interesse às matérias. É assim que se introduzem as *medidas espaciais de tendência central* (o centro de gravidade, centro de gravidade ponderado, o centro de gravidade de uma superfície, o ponto médio de uma distribuição espacial, o centro de deslocamento mínimo, centro modal, etc.), *medidas de dispersão* (desvio padrão das distâncias, potencial de população), *distribuição de pontos numa superfície* (recurso ao método do vizinho mais próximo e ao teste do Quiquadrado), *análise de formas e autocorrelação espacial*. O capítulo termina com uma introdução à teoria dos grafos — *Análise de redes*.

Esta obra, que se aconselha a todos aqueles que se queiram iniciar nas técnicas quantitativas, e muito particularmente aos que tenham preferência pela língua castelhana, tem ainda a enriquecê-la uma série de apêndices constituídos por tabelas de uso mais frequente e referidos ao longo do livro.

*JORGE GASPAR*